

J O H N F O X E

O LIVRO DOS MÁRTIRES

Tradução

Almiro Pisetta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Foxe, John, 1516-1587

O livro dos mártires / John Foxe; traduzido por Almiro Pizetta. – São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

Título original: Foxe's Book of Martyrs.

ISBN 85-7325-309-6

1. Foxe, John, 1516-1587 2. Mártires cristãos 3. Mártires cristãos - Inglaterra - História 4. Perseguição - História 5. Perseguição - Inglaterra - História I. Título.

03-1574

CDD-272.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Mártires cristãos: História: Cristianismo 272.092

Tradução e prefácio, copyright © 2003 pela Associação Religiosa Editora Mundo Cristão.

Publicação original da obra em latim: 1559

Primeira edição em língua inglesa: 1563

Preparação e organização do texto em inglês para esta edição: W. Grinton Berry

Título original em inglês: Foxe's Book of Martyrs

Supervisão editorial e artística: Mark L. Carpenter

Gerência de produção editorial: Sidney Alan Leite, Renato Soares Fleischner

Preparação de texto: Vicente Gesualdi

Revisão: Luciana Abud

Litogravuras e ilustração da capa: Marcelo Moscheta

Capa: Douglas Lucas

A 1ª edição brasileira foi publicada em maio de 2003, com uma tiragem de 3.000 exemplares.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antonio Carlos Tacconi, 79 – CEP 04810-020 – São Paulo-SP – Brasil
Telefone: (11) 5668-1700 – Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Direitos Reprográficos
- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

03 04 05 06 07 08 09 10 11

SUMÁRIO

Prefácio • 7

A PERSEGUIÇÃO AOS PRIMEIROS CRISTÃOS • 13

A HISTÓRIA DE CONSTANTINO, O GRANDE • 43

JOHN WICKLIFF, A ESTRELA MATUTINA DA REFORMA • 53

UM LÍDER DOS LOLLARDOS: AS TRIBULAÇÕES E PERSEGUIÇÕES
DO VALOROSÍSSIMO E DIGNÍSSIMO MÁRTIR DE CRISTO,
SIR JOHN OLDCASTLE, CAVALEIRO, LORDE COBHAM • 71

A HISTÓRIA DO MESTRE JOHN HUSS • 87

A HISTÓRIA DA VIDA DO VERDADEIRO SERVO E MÁRTIR
DE DEUS, WILLIAM TYNDALE • 123

A HISTÓRIA DO DR. MARTINHO LUTERO COM A
DESCRIÇÃO DE SUA VIDA E DOCTRINA • 139

HISTÓRIA, VIDA E MARTÍRIO DE MESTRE JOHN HOOPER,
BISPO DE WORCESTER E GLOUCESTER • 167

UM PASTOR PAROQUIAL FIEL: A HISTÓRIA DO
DR. ROWLAND TAYLOR, DE HADLEY • 189

OS MÁRTIRES DA ESCÓCIA • 209

VIDA, ATOS E FEITOS DO MESTRE HUGO LATIMER, FAMOSO
PREGADOR E MÁRTIR DE CRISTO E DO EVANGELHO • 231

A HISTÓRIA DO BISPO RIDLEY • 247

JULGAMENTO, CONDENAÇÃO E MARTÍRIO
DE RIDLEY E LATIMER • 261

AS FOGUEIRAS DE SMITHFIELD: RELATO SOBRE ALGUNS
MÁRTIRES QUE COM A VIDA SELARAM SEU TESTEMUNHO
PELA FÉ PROTESTANTE • 275

VIDA, CARÁTER E HISTÓRIA DO VENERÁVEL PASTOR E PRELADO
THOMAS CRANMER, ARCEBISPO DE CANTUÁRIA • 307

ANEDOTAS E FRASES FAMOSAS DE OUTROS MÁRTIRES • 337

PREFÁCIO

O USO MODERNO DA palavra *mártir* exige que iniciemos a apresentação desta obra com uma definição clara. Optamos pela acepção mais comum articulada no *Dicionário Houaiss* (2001): o mártir é uma “pessoa submetida à pena de morte pela recusa de renunciar à fé cristã ou a qualquer de seus princípios”. Ou seja, no sentido mais tradicional, não se trata de um assassino-suicida que mata pessoas alheias com o intuito de vingar-se ou defender uma idéia. Pelo contrário: o verdadeiro mártir é sempre *vítima* de agressão e violência. O mártir cristão é aquele que prefere morrer a renegar seu Senhor e sua fé.

Acreditamos que um estudo sobre a postura dos mártires cristãos de todas as épocas pode nos levar ao cerne da fé. Entendemos que o martírio em si não legitima a fé nem justifica doutrinas por si só. Não é o ato de sacrificar-se em nome de uma convicção que transforma esta convicção em verdade. Porém, quando compartilhamos desta convicção, o que observamos no mártir nos leva naturalmente a uma reflexão a respeito da natureza da nossa própria fé.

O Livro dos Mártires é um clássico sem paralelo que reconta as vidas, os sofrimentos e as mortes triunfantes dos mártires cristãos da

história. Iniciando-se com a história do primeiro mártir – o próprio Jesus Cristo – este relato histórico excepcional traça os caminhos da perseguição religiosa. Expõe os casos de mártires famosos como John Wycliffe, John Huss, William Tyndale, Thomas Cranmer e muitos outros.

O autor, John Foxe (1516-1587), nasceu na Inglaterra e estudou na Universidade de Oxford. Tornou-se professor dessa instituição e uniu-se aos reformadores ingleses. Quando a católica romana Mary Tudor assumiu o reinado do país, ordenou a perseguição dos protestantes reformadores. John Foxe conseguiu escapar e fugiu para a Alemanha. Durante seu exílio na Alemanha e na Suíça, começou a compilar informações sobre martírio e perseguição dos cristãos. A primeira edição desse livro foi publicada em 1559, em latim. Após a entronização da protestante rainha Elizabeth, Foxe voltou à Inglaterra. A tradução inglesa foi editada em 1563, sob o título *The Actes and Monuments of These Latter and Perilous Dayes*. No entanto, a obra tornou-se conhecida popularmente por *O Livro dos Mártires*, título que consagrou-se ao longo da história.

Não satisfeito apenas com as denúncias do livro original, o autor acrescentou ao manuscrito outros relatos e narrativas ao longo de sua vida, e supervisionou a edição de várias edições expandidas. Hoje há várias versões da obra, algumas com relatos acrescentados por editores após a morte de Foxe. A mensagem d'*O Livro dos Mártires* moldou a consciência religiosa e política da Inglaterra durante vários séculos.

A presente edição deste livro é uma tradução da versão em inglês, revista e reestruturada por W. Grinton Berry. A tradução – primorosa – foi empreendida por Almiro Pisetta, ex-professor de poesia inglesa e norte-americana na FFLCH/USP. Entendemos que o tradutor conseguiu destrinchar a sintaxe labiríntica de Foxe, produzindo um texto inteligível ao leitor brasileiro sem ferir as intenções do autor. O que é mais admirável é que a oportuna simplificação da prosa de Foxe não soa anacrônica, pois o tradutor teve o cuidado de manter traços da formalidade típica dos textos da época.

Para esta edição, encomendamos 16 gravuras do jovem artista plástico brasileiro Marcelo Moscheta. Comentando a sua opção ilustrativa, o artista escreveu:

Somos pessoas do presente século e, como tal, leremos este livro com a mente deste século, procurando ser tocados pelo exemplo deixado por aqueles grandes homens de Deus. Nesse sentido, meu desejo foi fazer uma obra atual, contemporânea, representativa do que vivemos nestes últimos dias.

A anatomia me traz a sensação de estar entrando na carne de alguém, sentindo suas dores, ouvindo cada batimento cardíaco. Todo o sofrimento destes homens de Deus foi na carne; toda a dor, todo o fogo que ardeu, queimou a carne somente. A proposta de fazer este ensaio optando por gravura em metal não foi à toa. As primeiras edições deste livro foram assim ilustradas, com cenas literais e realistas. Nesse contexto, acredito contribuir para a memória desta obra também. Além disso, a gravura em metal possui um processo interessante. Assim como as estampas que representa, a chapa de cobre (metal nobre) é cortada, limada e lixada várias vezes. Ela passa pelo fogo e pela corrosão de ácidos e mordentes. Sofre a ação de pontas e instrumentos cortantes até estar preparada para a impressão final.

Considero a técnica do lavis (as áreas de mancha), que muitas vezes remete-me a uma radiografia, a parte “espiritual” destas estampas, como se pudéssemos enxergar o espírito deixando o corpo e todo o sofrimento para trás.

Nossa intenção ao lançar esta nova edição d’*O Livro dos Mártires* é provocar, em cada leitor, uma reflexão sobre a extensão e a profundidade da fé cristã.

– Mark L. Carpenter
Editora Mundo Cristão

A PERSEGUIÇÃO AOS PRIMEIROS CRISTÃOS

CRISTO, NOSSO SENHOR, no evangelho de S. Mateus, ao ouvir a confissão de Simão Pedro, que, antes de todos os outros, abertamente O reconheceu como sendo o Filho de Deus, e pelo fato de perceber a mão secreta de Seu Pai, chamou-o (numa alusão ao nome dele) de pedra, sobre a qual Ele construiria a Sua Igreja tão forte que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Nessas palavras há três pontos dignos de nota: primeiro, que Cristo teria uma Igreja neste mundo. Segundo, que essa Igreja seria fortemente combatida, não apenas pelo mundo, mas também pelas forças e poderes supremos de todo o inferno. E, terceiro, que essa Igreja, apesar de todo o esforço do demônio e de toda a sua malícia, continuaria.

A profecia de Cristo nós a vemos admiravelmente realizada, de tal modo que todo o percurso da Igreja até os dias de hoje pode parecer simplesmente a sua concretização. Primeiro, nem é preciso dizer que Cristo estabeleceu uma Igreja. Segundo, que exércitos de príncipes, reis, monarcas, governadores e dirigentes deste mundo, juntamente com seus súditos, pública e privadamente, com toda força e astúcia, voltaram-se contra essa Igreja! E, terceiro, como essa Igreja, apesar de

tudo isso, sempre resistiu e preservou o que é seu! As tormentas e tempestades por ela superadas formam um quadro admirável. A fim de apresentar esses fatos de modo mais evidente, eu preparei este livro de história, com o objetivo de, primeiro, pôr em evidência as maravilhosas obras de Deus na Sua Igreja para a Sua glória; e, segundo, para que, mediante a continuação dos anais da Igreja publicados de tempos em tempos, mais conhecimento e experiência possam deles resultar, em proveito do leitor e da edificação da fé cristã.

No início da pregação de Cristo e da chegada do evangelho, quem senão os fariseus e escribas daquele povo que detinha a Sua lei deveria tê-lo reconhecido e recebido? No entanto, quem O perseguiu e rejeitou mais do que justamente eles? Qual foi a consequência? Eles, recusando Cristo como seu Rei e escolhendo serem súditos de César, pelo próprio César foram com o tempo destruídos.

O mesmo exemplo do irado castigo de Deus deve ser igualmente visto nos próprios romanos. Pois quando Tibério César, ao tomar conhecimento, por cartas de Pôncio Pilatos, dos feitos de Cristo, dos Seus milagres, ressurreição e ascensão ao céu, e de como Ele foi recebido como Deus por muitos, tendendo o próprio imperador para essa crença, aconselhou-se ele sobre o caso com todo o senado de Roma e propôs que Cristo fosse adorado como Deus; os senadores, não concordando com a proposta, recusaram-na porque, contrariando a lei dos romanos, Ele foi consagrado (disseram eles) como Deus antes que o senado de Roma O tivesse aprovado por decreto. Assim os vaidosos senadores (satisfeitos sob o reinado do imperador e não satisfeitos sob o manso Rei de glória, Filho de Deus) foram atormentados e apanhados em armadilhas pela sua injusta recusa, exatamente do modo que eles escolheram. Pois como preferiram o imperador e rejeitaram Cristo, assim a justa permissão de Deus atçou contra eles os seus imperadores de tal sorte que os próprios senadores foram quase todos destruídos e toda a cidade foi afligida do modo mais horrível pelo espaço de quase trezentos anos.

Em primeiro lugar, o mesmo Tibério, que, durante grande parte do seu reinado foi um príncipe discreto e tolerável, tornou-se depois

um tirano severo e cruel, que não favoreceu nem mesmo a própria mãe, nem poupou os seus sobrinhos ou os príncipes da cidade que eram seus conselheiros pessoais, preservando a vida de apenas dois ou três de vinte que eram. Suetônio relata que Tibério era tão duro por natureza e tão tirano que num único dia ele registrou o nome de vinte pessoas que deveriam ser conduzidas ao local da execução. Durante o seu reinado, por justo castigo de Deus, Pilatos, sob o qual Cristo fora crucificado, foi preso e enviado para Roma, deposto, depois banido da cidade para Vienne, em Dauphiny, onde acabou se matando. Agripa, o velho, também foi atirado na prisão por Tibério, mas em seguida foi-lhe restituída a liberdade.

Depois da morte de Tibério, sucederam-se Calígula, Cláudio Nero e Domício Nero. Esses três foram igualmente flagelos do senado e do povo de Roma. O primeiro ordenou que ele mesmo fosse adorado como deus, que se erigissem templos em seu nome. Costumava sentar-se no templo entre os deuses, exigindo que imagens dele fossem expostas em todos os templos, inclusive no de Jerusalém. Tal fato causou grande confusão entre os judeus, e então a abominação da desolação de que se fala no evangelho começou a se estabelecer no lugar santo. A crueldade do seu caráter, ou então o seu descontentamento com os romanos, foi tal que ele desejava que todo o povo de Roma tivesse apenas um pescoço, para que ele, a seu bel prazer, pudesse destruí-lo coletivamente. Por esse mesmo Calígula, Herodes Antipas, que assassinou João Batista e condenou Cristo, foi condenado ao exílio perpétuo onde morreu miseravelmente. Também Caifás, que com malícia interrogou Cristo, foi na mesma época removido da sala do sumo sacerdote, e Jônatas tomou o seu lugar.

A ferocidade descontrolada de Calígula não cessou, não foi extirpada pelas mãos do tribuno e de outros cavalheiros que o assassinaram no quarto ano do seu reinado. Depois de sua morte foram encontrados no seu gabinete dois livrinhos, um intitulado a *Espada*, o outro, o *Punhal*. Neles estavam escritos os nomes dos senadores e nobres de Roma que ele pretendia levar à morte. Além disso, foi encontrado um cofre no qual estavam guardados diversos tipos de veneno

dentro de vidros e frascos, com a finalidade de destruir um espantoso número de pessoas. Mais tarde esses venenos, ao serem jogados ao mar, causaram uma grande mortandade de peixes.

Mas aquilo que Calígula havia apenas concebido, isso mesmo puseram em prática os outros dois imperadores que o sucederam; isto é, Cláudio Nero, que reinou durante treze anos com muita crueldade; mas especialmente o terceiro desses Neros, o chamado Domício Nero, que, sucedendo a Cláudio, reinou catorze anos com tal furor e tirania que assassinou a maioria dos senadores e destruiu toda a ordem da cavalaria de Roma. Tão prodigioso monstro da natureza era ele (mais parecendo um animal, ou melhor, um demônio do que um homem), que dava a impressão de ter nascido para a destruição da humanidade. Tal era a sua lamentável crueldade que o fez matar a própria mãe, o cunhado, a irmã, sua mulher e seus mestres, Sêneca e Lucano. Além disso, ordenou que Roma fosse incendiada em doze pontos, e assim a cidade ardeu durante seis dias e sete noites, enquanto ele, para ter o exemplo de como queimara Tróia, cantava versos de Homero. Para livrar-se da infâmia desse feito, pôs a culpa nos homens cristãos e os fez perseguir.

E assim continuou esse lastimoso imperador até que finalmente o senado, proclamando-o inimigo público dos seres humanos, o condenou a ser arrastado pela cidade e depois flagelado até a morte. Temendo essa punição, ele, escapando das mãos dos seus inimigos, fugiu no meio da noite para uma herdade de um de seus servos, no interior, onde foi forçado a matar-se, queixando-se de que não lhe sobrara nem um amigo e nem um inimigo disposto a fazer aquilo por ele.

Os judeus, no ano setenta, cerca de quarenta anos depois da paixão de Cristo, foram destruídos por Tito e por seu pai Vespasiano (que sucedeu Nero no império) num total de um milhão e cem mil, sem contar aqueles que Vespasiano matou ao subjugar a região da Galiléia. Dezesete mil foram vendidos e enviados para o Egito e outras províncias como vis escravos; dois mil Tito trouxe consigo para a celebração do seu triunfo. Destes, muitos ele entregou para que fossem devorados por animais selvagens, os restantes foram assassinados de outras formas cruéis ao extremo.

Como apresentei a justiça de Deus para com esses perseguidores romanos, assim exponho agora as suas perseguições realizadas contra o povo e os servos de Cristo, dentro do espaço de trezentos anos. Essas perseguições são geralmente consideradas dez no total, além das primeiras que foram provocadas pelos judeus, em Jerusalém e outros lugares, contra os apóstolos. Depois do martírio de Estêvão, quem padeceu em seguida foi Tiago, o santo apóstolo de Cristo e irmão de João. “Quando esse Tiago,” diz Clemente, “foi trazido para o banco dos réus, quem o trouxe e foi a causa da sua aflição, vendo que ele seria condenado e sofreria a morte, sentiu-se tão comovido em seu coração e consciência que, a caminho da execução, confessou que ele também era cristão. E assim foram conduzidos juntos. Durante o caminho pediu a Tiago que perdoasse o que ele fizera. Depois de ponderar o caso por um instante consigo mesmo, Tiago voltou-se para ele e disse: — Que a paz esteja contigo, irmão — e beijou-o. Os dois foram decapitados juntos, em 36, d.C.

Tomé pregou aos pártios, medos e persas, e também aos carmânios, hircânios, báltrios e mágios. Padecceu em Calamina, uma cidade da Índia, sendo morto por uma flechada. Simão, irmão de Judas e de Tiago, o jovem (que eram filhos de Maria Clopas e de Alfeu), foi bispo de Jerusalém depois de Tiago e foi crucificado numa cidade do Egito no tempo do imperador Trajano. Simão, o apóstolo, chamado Cananeu e Zelotes, pregou na Mauritània, na África e na Bretanha: ele também foi crucificado.

Marcos, o evangelista e primeiro bispo de Alexandria, pregou o evangelho no Egito e lá, amarrado e arrastado para a fogueira, foi queimado e depois sepultado num lugar chamado ‘Bucolus’, sob o imperador Trajano. Diz-se de Bartolomeu que também pregou aos indianos e que traduziu o evangelho de S. Mateus para a língua deles. Por fim, em Albinópolis, cidade da grande Armênia, após várias perseguições, foi abatido a bordoadas e depois crucificado. Em seguida, após ser esfolado, foi decapitado.

Sobre André, o apóstolo e irmão de Pedro, assim escreve Jerônimo: “André pregou no ano oitenta de nosso Senhor Jesus Cristo aos cítios

e sógdios, aos sacas e numa cidade chamada Sebastópolis, agora habitada pelos etíopes. Foi sepultado em Patras, cidade da Acaia, depois de crucificado por Egéias, o governador dos edessenos. Bernardo e Cipriano mencionam a confissão e martírio do abençoado apóstolo. Baseando-nos em parte no que dizem eles e em parte no que dizem outros escritores, inferimos o seguinte: quando André, por meio de sua diligente pregação convertera muitos à fé em Cristo, o governador Egéias, sabendo disso, dirigiu-se a Patras, no intuito de forçar todos os que acreditavam que Cristo era Deus, com pleno consentimento do senado, a oferecer sacrifícios aos ídolos e prestar-lhes honras divinas. André, achando no início que era bom resistir aos perversos conselhos e atos de Egéias, foi ter com ele e dirigiu-lhe a palavra no seguinte sentido: “que convinha a quem era juiz de homens, primeiro conhecer o seu Juiz que mora no céu e depois de conhecê-lo, adorá-lo. E assim, na adoração do Deus verdadeiro, afastar a sua mente dos deuses falsos e ídolos cegos.” Essas palavras disse André ao procônsul.

Mas Egéias, muito aborrecido com tal atitude, quis saber dele se era o mesmo André que derrubara o templo dos deuses e persuadira cidadãos a abraçarem a supersticiosa seita que os romanos recentemente haviam mandado abolir e rejeitar. André afirmou com franqueza que os príncipes dos romanos não entendiam a verdade e que o Filho de Deus, vindo do céu para este mundo, por amor dos homens, havia ensinado e mostrado como aqueles ídolos, que eles tanto honravam como deuses, além de não serem *deuses*, eram crudelíssimos *demônios*, inimigos da humanidade, que ensinavam ao povo apenas aquilo que ofende a Deus. E Deus, sendo ofendido, afasta-se e não lhes dá atenção. Assim, pelo serviço perverso do demônio, eles mergulham na maldade, e depois de sua morte nada deles sobra, exceto as suas maldades.

Mas o procônsul atacou-o e ordenou que André nunca mais ensinasse e pregasse essas coisas; caso contrário, deveria ser amarrado à cruz imediatamente.

André, permanecendo firme e constante em suas convicções, respondeu assim sobre o castigo com que fora ameaçado: “Que ele não teria pregado a honra e glória da cruz, se temesse a morte na cruz.”

Depois disso, foi pronunciada a sentença de condenação: André deveria ser crucificado, por ensinar e promover uma nova seita e por abolir a religião dos seus deuses. Ao dirigir-se ao lugar do martírio e ao ver ao longe a cruz já preparada, André não mudou nem de semblante nem de cor, seu sangue não se retraiu, a voz não hesitou, o corpo não desfaleceu, a mente não se perturbou, o entendimento não lhe faltou, como sói acontecer com os homens. Sua voz, porém, falou extravasando a abundância do seu coração, e uma ardente caridade mostrou-se nas suas palavras como centelhas de fogo. Disse ele: “Ó cruz, extremamente bem-vinda e tão longamente esperada! De boa vontade, cheio de alegria e desejo, eu venho a ti, discípulo que sou daquele que pendeu de ti: pois sempre fui teu amante e sempre desejei te abraçar.”

Mateus, também chamado Levi, primeiro publicano transformado em apóstolo, escreveu o seu evangelho endereçado aos judeus na língua hebraica. Depois de converter à fé a Etiópia e todo o Egito, Hircano, o rei deles, mandou alguém transpassá-lo com uma lança.

Filipe, o santo apóstolo, depois de muito ter trabalhado entre nações bárbaras pregando-lhes a palavra da salvação, no fim padeceu em Hierápolis, cidade da Frígia, onde foi crucificado e apedrejado até a morte. Lá mesmo foi sepultado, juntamente com suas filhas.¹

Sobre Tiago, o irmão do Senhor, lemos o seguinte:

Tiago assumiu o governo da Igreja com os apóstolos, destacando-se entre todos os homens, desde o tempo de nosso Senhor, como alguém justo e perfeito. Não tomava vinho nem bebida alcoólica e não comia alimento algum de origem animal.

A navalha nunca lhe tocou a cabeça. A ele somente era permitido entrar no recinto sagrado do templo, pois não se vestia com roupas de lã, mas apenas de linho. Costumava entrar a sós e lá, caindo de joelhos, pedia perdão para o povo. Assim, pelo fato de se ajoelhar com tanta freqüência para adorar a Deus e implorar perdão para o povo, seus joelhos perderam o sentido do tato e ficaram entorpecidos e ásperos como os de um camelo. Ele foi, pela excelência de sua vida justa, chamado de “o Justo” e “a salvaguarda do povo.”

¹ É preciso entender que os relatos dos martírios dos apóstolos provêm sobretudo da tradição.

Por isso, quando muitos dos seus homens importantes passaram a crer, houve um tumulto provocado pelos judeus, escribas e fariseus, os quais diziam: “Corre-se o perigo de que todo o povo venha a considerar Jesus como o Cristo”. Reuniram-se, portanto, entre si e disseram a Tiago: “Nós te imploramos para refrear o povo, pois as pessoas crêem em Jesus como se ele fosse Cristo. Nós te rogamos para persuadir a todos os que vieram para a festa da Páscoa a pensarem corretamente sobre Jesus. Pois todos prestam ouvidos a ti e todo o povo atesta que tu és justo e que não aceitas a pessoa de qualquer homem. Portanto, persuade o povo para que ninguém seja enganado a respeito de Jesus, pois todo o povo e até nós mesmos estamos dispostos a obedecer-te. Por isso, fica de pé sobre o pináculo do templo, para que possas ser visto no alto e tuas palavras possam ser ouvidas por todos, pois todas as tribos e muitos gentios se reuniram para a Páscoa”.

E assim os referidos escribas e fariseus puseram Tiago sobre as ameias do templo e dirigindo-se a ele gritavam: — Tu, homem justo, a quem todos nós devemos obedecer, este povo está se perdendo seguindo Jesus que foi crucificado.

E ele em voz alta respondeu: — Por que me perguntais sobre Jesus, o Filho do Homem? Ele está sentado à mão direita do Altíssimo e virá sobre as nuvens do céu.

Ouvindo isso muitos se persuadiram e glorificavam a Deus pelo testemunho de Tiago dizendo: — Hosana ao Filho de Davi.

Então os escribas e fariseus diziam uns aos outros: — Agimos mal ao provocar esse testemunho de Jesus. Vamos subir até ele e atirá-lo para baixo, para que outros, tomados de medo, venham a negar a fé. — E puseram-se a gritar dizendo: — Ei, cuidado! Esse homem também foi seduzido. — Por isso, subiram ao pináculo do templo a fim de atirá-lo lá do alto. Todavia, ele não morreu com a queda, mas, virando-se, pôs-se de joelhos dizendo: — Ó Senhor Deus, Pai, eu te suplico para perdoá-los, porque não sabem o que fazem. — E eles disseram uns aos outros: — Vamos apedrejar Tiago, o homem justo.

— E o conduziram para castigá-lo com pedras. Mas enquanto o apedrejavam, um sacerdote lhes disse: — Parem! Que estais fazendo? O homem justo orou por vós. — E um dos circunstantes, um pisoador, apanhou o instrumento que se usava para bater e apertar o pano e com ele golpeou o homem justo na cabeça, e assim terminou o seu testemunho. Sepultaram-no naquele mesmo lugar. Ele foi uma verdadeira testemunha de Cristo para os judeus e os gentios.

Tratemos agora das perseguições movidas pelos romanos contra os cristãos na era primitiva da Igreja, pelo espaço de trezentos anos. Nesse período causa admiração ver escritos os números incríveis de cristãos inocentes que foram torturados e mortos. Embora a natureza dos castigos fosse variada, a atitude constante de todos esses mártires sempre foi a mesma. Além disso, apesar da intensidade dos numerosos e variados suplícios e também da igual crueldade dos algozes, tão elevado foi o número desses persistentes santos torturados que, como diz Jerônimo: “Não há dia durante o ano inteiro ao qual não se possa atribuir o número de cinco mil mártires, com exceção apenas do primeiro dia de janeiro”.

A primeira das dez perseguições foi desencadeada por Nero por volta do ano 64 do Senhor. A tirânica fúria desse imperador foi cruel contra os cristãos, “a ponto de — conforme registra Eusébio — encher cidades de cadáveres humanos, mostrando velhos jazendo ao lado de jovens e corpos de mulheres abandonados nus no meio da rua sem respeito algum por seu sexo.” Muitos houve entre os cristãos daqueles dias que, vendo as obscenas abominações e a intolerável crueldade de Nero, julgaram que ele era o anticristo.

Nessa perseguição, entre muitos outros santos, o abençoado apóstolo Pedro foi condenado à morte e, segundo alguns relatos escritos, foi crucificado em Roma; muito embora alguns outros, e não sem motivo, duvidem disso. Hegessipo diz que Nero procurava fatos contra Pedro para condená-lo à morte. Quando o povo percebeu isso, rogaram a Pedro, com muita insistência, para que ele fugisse da cidade. Pedro no fim foi persuadido pelos importunos pedidos e preparou-se para a fuga. Porém, ao chegar ao portão da cidade, viu o Senhor

Jesus Cristo vindo ao seu encontro, a quem Pedro, adorando, disse: — Senhor, para onde vais tu? — Ao que Ele respondeu dizendo: — Estou voltando para ser crucificado. — Assim Pedro, percebendo que com essas palavras o Senhor se referia ao martírio do qual ele estava fugindo, voltou para a cidade. Jerônimo diz que ele foi crucificado, com a cabeça para baixo e os pés para o alto a pedido dele mesmo porque era — disse ele — indigno de ser crucificado do mesmo modo e jeito como o fora o Senhor.

Paulo, o apóstolo, que antes se chamava Saulo, depois da sua grande luta e trabalhos indizíveis na promoção do evangelho, padeceu também durante essa primeira perseguição de Nero. Abdias declara que, para a sua execução, Nero enviou dois de seus escudeiros, Ferega e Partêmio, para lhe comunicar a notícia de sua morte. Eles, quando chegaram e o viram ensinando ao povo, pediram-lhe que orasse por eles a fim de que pudessem vir a crer. Paulo lhes disse que em breve eles passariam a crer e seriam batizados sobre o seu sepulcro. Depois disso, os soldados se aproximaram e o conduziram para fora da cidade até o lugar da execução, onde ele, após fazer as suas orações, entregou o pescoço à espada.

A primeira perseguição cessou durante o reinado de Vespasiano que permitiu algum descanso aos pobres cristãos. Depois dele, logo veio a segunda perseguição desencadeada pelo imperador Domiciano, irmão de Tito. Agindo no início de forma branda e moderada, ele em seguida cometeu um ultraje tão grande em seu insuportável orgulho que ordenou a adoração de si mesmo como deus e mandou que em sua honra imagens de ouro e prata fossem erigidas no capitólio.

Nessa perseguição, João, o apóstolo e evangelista, foi exilado por Domiciano para a ilha de Patmos. Depois que o imperador morreu assassinado e o senado revogou as suas leis, João foi posto em liberdade e no ano 97 veio para Éfeso, onde permaneceu até o reinado de Trajano. Ali dirigiu as igrejas da Ásia e escreveu o seu evangelho. E assim viveu ele até o ano 68 depois da paixão de nosso Senhor, quando a sua idade era de aproximadamente cem anos.

Clemente de Alexandria acrescenta uma certa história relativa ao santo apóstolo, que merece ser lembrada por aqueles que têm prazer nas coisas honestas e proveitosas. A história é a seguinte: Quando João voltou para Éfeso procedente da ilha de Patmos, solicitaram-lhe que visitasse os lugares nas redondezas. Quando, ao fazê-lo, chegara a uma certa cidade e havia confortado os irmãos, viu um jovem de corpo robusto, belo semblante e espírito ardente. Fixando sério o recém-indicado bispo, disse João: — Eu, da maneira mais solene, entrego este homem em tuas mãos, aqui na presença de Cristo e da Igreja.

Quando o bispo havia recebido de João essa responsabilidade e havia prometido agir com fidelidade e diligência em relação a ela, João novamente dirigiu-lhe a palavra e lhe confiou a responsabilidade como antes fizera. Feito isso, João voltou para Éfeso. O bispo, recebendo o jovem entregue aos seus cuidados, trouxe-o para casa, cuidou dele, alimentou-o e finalmente o batizou. Depois disso, ele gradativamente relaxou sua atenção e vigilância sobre o jovem, confiando que já lhe dera as melhores salvaguardas possíveis ao marcá-lo com o selo do Senhor.

O jovem tinha então mais liberdade, e aconteceu que alguns de seus velhos amigos e conhecidos, que eram ociosos, dissolutos e endurecidos na maldade, passaram a fazer-lhe companhia. Inicialmente o convidaram para suntuosos e libertinos banquetes; depois o convenceram a sair com eles pela noite para furtar e roubar; em seguida, eles o tentaram a cometer maiores males e maldades. Assim, com o tempo veio o costume e pouco a pouco o jovem se tornou mais habilidoso e, sendo muito inteligente e de intrépida coragem, como um cavalo bravio ou indomado, abandonando o caminho reto e correndo solto e sem peias, foi levado de cabeça para as profundezas da desordem e do ultraje. E assim, esquecendo-se por completo da salutar doutrina da salvação que antes aprendera a ponto de rejeitá-la, foi tão longe no caminho da perdição que para ele avançar muito mais não era motivo de ansiedade. Desse modo, juntando-se a um bando de companheiros e colegas ladrões, ele assumiu o papel de cabeça e

capitão entre os colegas, na perpetração de todos os tipos de assassinios e felonias.

Aconteceu que João foi novamente solicitado a visitar aquela região. Veio e, ao encontrar-se com o bispo a quem nos referimos antes, cobrou dele que prestasse contas do compromisso assumido na presença de Cristo e da congregação que estivera presente na ocasião. O bispo, algo surpreso com as palavras de João, supondo que se referissem a algum dinheiro posto sob sua custódia e que ele não recebera (mas mesmo assim não ousava desconfiar de João nem contrariar-lhe as palavras), não sabia o que responder. Então João, percebendo a sua perplexidade, expressando o que queria dizer de modo mais claro, explicou: — O jovem e a alma do nosso irmão posta sob a sua custódia, eu os exijo. — Então o bispo, lamentando e chorando em altos brados, disse: — Ele morreu. — E João indagou: — Como, qual foi a causa da morte? — Disse o outro: — Ele morreu para Deus, pois se tornou um homem mau e desregrado e acabou como um ladrão. Agora frequenta a montanha em vez da Igreja, na companhia de malfeitores e ladrões iguais a ele.

Nesse ponto o apóstolo rasgou suas vestes e, lamentando muito, disse: — Que belo guardião da alma de seu irmão deixei aqui! Arranje-me um cavalo e arrume um guia que me acompanhe. — Feito isso, providenciados o cavalo e o homem, ele saiu às pressas da Igreja. Chegando ao lugar indicado, foi preso por ladrões que estavam à espreita. Mas ele, sem tentar fugir ou resistir, disse: — Vim até aqui com uma finalidade. Levem-me — disse ele — ao seu capitão. Assim que se cumpriu o seu pedido, o capitão, armado até os dentes, começou a examiná-lo de modo impiedoso. Logo em seguida, ao reconhecê-lo, foi tomado de confusão e vergonha e empreendeu uma fuga. Mas o velho o seguiu como pôde e, esquecendo-se da idade, gritava: — Meu filho, por que foges de teu pai? Um homem armado fugindo de um homem despojado, um jovem fugindo de um velho? Tem piedade de mim, meu filho, e não tenhas medo, pois ainda resta esperança de salvação. Eu responderei a Cristo por ti. Eu morrerei por ti, se for

preciso. Como Cristo morreu por nós, eu darei a minha vida por ti. Acredita-me, foi Cristo que me enviou.

O capitão, ouvindo tais palavras, primeiro, como se estivesse confuso, ficou estático, e com isso a sua coragem se abateu. Depois jogou as armas ao chão e aos poucos começou a tremer, sim, e depois chorou amargamente. Em seguida, aproximando-se do velho, abraçou-o e falou com ele chorando (da melhor maneira que pôde), sendo novamente batizado no ato com lágrimas. Mas escondia a mão direita que estava encoberta.

Em seguida o apóstolo, depois de prometer que obteria o perdão de nosso Salvador, orou, caindo de joelhos, e beijou-lhe a mão direita assassina (que por vergonha ele antes não ousava mostrar), agora purificada pelo arrependimento, e o trouxe de volta para a Igreja. E quando havia rogado por ele com oração contínua e jejuns diários, e o havia fortalecido e confirmado a sua mente com muitas máximas, João o deixou novamente restaurado para a Igreja. Um grande exemplo de sincera penitência, prova de regeneração e um troféu da futura ressurreição.

As causas de tanta perseguição aos Cristãos por parte dos imperadores romanos foram principalmente estas: o medo e o ódio.

Primeiro, o medo, porque os imperadores e o senado, por ignorância cega, desconhecendo a natureza do reino de Cristo, temiam e desconfiavam que ele pudesse subverter o seu império. Por isso, buscaram todos os meios possíveis, como a morte e todos os tipos de tortura, para extirpar totalmente o nome e a memória dos cristãos.

Em segundo lugar, o ódio, em parte porque este mundo, por sua própria condição natural, sempre odiou e tratou com maldade o povo de Deus, desde o seu princípio. Em parte porque os cristãos, tendo uma natureza e uma religião contrárias às dos imperadores, servindo apenas ao Deus vivo e verdadeiro, desprezavam os seus falsos deuses, falavam contra adorações idólatras e muitas vezes detiveram o poder de Satanás que agia nos seus ídolos. Por isso, Satanás, o príncipe deste mundo, instigou os príncipes romanos e os idólatras cegos a nutrir contra eles um ódio e despeito cada vez maiores. Qualquer

desgraça que acometesse a cidade ou as províncias de Roma, fosse carestia, peste, terremoto, guerras, assombros, desequilíbrios do tempo, ou fosse qualquer outro mal possível, tudo era imputado aos cristãos.

Os tiranos e órgãos de Satanás não se contentavam apenas com a morte para tirar a vida do corpo. Os tipos de morte eram tão diversificados quanto terríveis. Tudo o que a crueldade da invenção do homem pudesse conceber para castigar o corpo humano era posto em prática contra os cristãos – açoites e flagelos, estiramentos, dilacerações, apedrejamentos, lâminas de ferro em brasa aplicadas aos seus corpos, profundas masmorras, rodas de tortura, estrangulamentos nas prisões, os dentes de animais selvagens, grelhas, patíbulos e forcas, os arremessos sobre os chifres de touros. Além disso, quando eram mortos por esses meios, os seus corpos eram amontoados e junto a eles deixavam cães para guardá-los, a fim de que ninguém pudesse vir dar-lhes sepultura, e súplica nenhuma conseguia que eles fossem entregues para serem sepultados.

E contudo, apesar de todas essas contínuas perseguições e castigos horríveis, a Igreja crescia a cada dia, profundamente enraizada na doutrina dos apóstolos e dos homens apostólicos e abundantemente regada pelo sangue de santos.

Na terceira perseguição, Plínio II, homem erudito e famoso, tomado de compaixão diante do lamentável massacre de cristãos, escreveu ao imperador Trajano atestando que muitos milhares eram diariamente mortos, sem que nenhum deles fizesse coisa alguma que fosse contrária às leis romanas e merecesse perseguição. “Todo o relato de seu crime ou erro (como se queira denominar) consistia apenas nisto: eles tinham o hábito de reunir-se num determinado dia antes do amanhecer e juntos repetir uma forma estabelecida de oração dirigida a Cristo como Deus, e de assumir a obrigação — não realmente de cometer maldades, mas pelo contrário — de nunca cometer furtos, roubos ou adultério, nunca desmentir a palavra dada, nunca defraudar ninguém. Depois disso habitualmente se dispersavam e voltavam a reunir-se para partilhar de uma leve refeição em comum.”

Nessa terceira perseguição padeceu o abençoado mártir Inácio, que é lembrado com notória reverência entre muitos. Inácio foi escolhido para o bispado de Antioquia sucedendo imediatamente a Pedro. Dizem alguns que ele, tendo sido enviado da Síria para Roma por professar a fé em Cristo, foi atirado às feras selvagens para ser devorado. Dele também se diz que quando passou pela Ásia, estando sob a mais rigorosa custódia de seus guardas, ele fortaleceu e confirmou as igrejas por todas as cidades ao longo do caminho, tanto com suas exortações como por sua pregação da palavra de Deus. Assim, ao chegar a Esmirna, escreveu à igreja de Roma exortando os cristãos a não lançar mão de meio algum a fim de livrá-lo do martírio, evitando de privá-lo daquilo que ele mais almejava e esperava. “Agora começo a ser um discípulo. Não me interesso por nada do que é visível ou invisível, para que possa apenas conquistar Cristo. Que sobrevenham a fogueira e a cruz, que venham as feras selvagens, que venham a quebra de ossos e a dilaceração dos membros, que venha a trituração do corpo inteiro, que assim seja. Quero apenas conquistar Cristo Jesus!” E mesmo quando ele foi condenado a ser atirado às feras, tão ardente era o seu desejo que, ao ouvir o rugido dos leões, disse: — Eu sou o trigo de Cristo: serei triturado pelos dentes de animais selvagens para poder ser considerado pão puro.

Depois da morte do discreto e brando príncipe Antonino Pio, veio seu filho Marco Aurélio, por volta do ano 161 de nosso Senhor, homem de natureza mais dura e severa. Embora fosse digno de louvor tanto pelo estudo da filosofia quanto pelo governo civil, contudo foi rígido e feroz com os cristãos. Por ele foi desencadeada a quarta perseguição.

Durante o reinado de Marco Aurélio um grande número dos que professavam a fé em Cristo sofreu crudelíssimos tormentos e castigos. Entre eles estava Policarpo, o digno bispo de Esmirna. Sobre o seu fim e martírio julguei que seria útil legar para a história aquilo que Eusébio declara ter sido extraído de uma certa carta escrita pelos membros da sua própria igreja (de Policarpo) para todos os irmãos espalhados pelo mundo.

Três dias antes de ser preso, enquanto estava orando à noite, ele adormeceu e viu num sonho o seu travesseiro incendiar-se e logo consumir-se no fogo. Acordando em seguida, imediatamente relatou a visão aos circunstantes e profetizou que ele seria queimado vivo por amor de Cristo. Quando as pessoas que andavam à sua procura fecharam-lhe o cerco, ele foi induzido, por amor dos irmãos, a retirar-se para outra aldeia. Para lá, porém, logo foram os perseguidores em seu encalço. E tendo apanhado dois rapazes que moravam na vizinhança, açoitaram um deles até que este os conduziu ao retiro de Policarpo. Os perseguidores, tendo chegado tarde da noite, descobriram que ele já fora para a cama no alto da casa. Dali, se quisesse, ele poderia ter fugido para o interior de outra casa. Mas recusou-se, dizendo: “Seja feita a vontade do Senhor”.

Ao saber que os perseguidores haviam chegado, desceu e dirigiu-lhes a palavra com semblante alegre e agradável, de modo que eles, que nunca o haviam visto, ficaram maravilhados contemplando a sua venerável idade e gravidade e perguntavam-se por que deveriam se preocupar tanto com a captura de um homem tão velho. Ele imediatamente ordenou que uma mesa fosse posta, exortou-os a comer com apetite e pediu que lhe concedessem uma hora para orar sem ser molestado. Tão repleto estava ele da graça de Deus que os circunstantes ficaram assombrados ao ouvir-lhe as orações e muitos lamentaram que um homem tão venerável e piedoso devesse ser levado à morte.

Depois de terminar as orações, nas quais fez menção de todas as pessoas com quem entrara em contacto na vida, pequenas e grandes, nobres e comuns, e de toda a Igreja católica disseminada pelo mundo, chegada a hora de partir, eles o puseram sobre um jumento e o trouxeram para a cidade. Lá Policarpo encontrou-se com o irenarca Herodes e seu pai Nicetes, que, fazendo-o subir para a sua carruagem, puseram-se a exortá-lo dizendo: — Que mal há em dizer “Senhor César” e em oferecer sacrifícios e assim salvar a própria vida? — De início ele ficou em silêncio. Porém, ao ser forçado a falar, disse: — Não agirei de acordo com os seus conselhos. — Quando perceberam que ele não se deixava convencer, dirigiram-lhe palavras grosseiras e

logo o empurraram para fora da carruagem de modo que ao descer ele machucou a canela. Todavia, imperturbável como se nada estivesse sofrendo, foi em frente exultante, escoltado pelos guardas, até o estádio. Lá, em meio a um ruído tão forte que poucos conseguiam ouvir alguma coisa, uma voz veio do céu dizendo: — Sê forte, Policarpo, e comporta-te como um homem. — Ninguém viu quem falou, mas muitos ouviram a voz. Quando ele foi trazido ao tribunal, houve um grande tumulto no instante em que a multidão percebeu que Policarpo estava preso. O procônsul perguntou-lhe se ele era Policarpo. Ao ouvir a confirmação, ele o aconselhou a negar a Cristo, dizendo-lhe: — Olhe para si mesmo e tenha pena de sua idade avançada. — E acrescentou muitas outras frases que eles costumam dizer, tais como “Jure pela fortuna de César”, “Arrependa-se” e “Diga: ‘Abaixo os ateus’”.

Então Policarpo, com aspecto grave, contemplando toda a multidão no estádio e acenando-lhe com a mão, emitiu um profundo suspiro e, erguendo os olhos para o céu, disse: — Removam-se os ateus.

Então o procônsul insistiu com ele dizendo: — Jure, e eu o porei em liberdade; renegue a Cristo.

Respondeu Policarpo: — Há oitenta e seis anos eu O sirvo, e Ele nunca me faltou. Como então blasfemarei meu Rei, que me salvou?

O procônsul novamente insistiu: — Jure pela fortuna de César.

Respondeu Policarpo: — Uma vez que sempre em vão o senhor se esforça para me fazer jurar pela fortuna de César, como o senhor diz, fingindo ignorar o meu verdadeiro caráter, ouça-me declarar com franqueza o que sou. Eu sou um cristão, e se deseja aprender a doutrina cristã, marque um dia, e então poderá me ouvir.

Ouvindo isso, disse o procônsul: — Tenho feras selvagens. Se não se arrepender, eu o entregarei a elas.

— Mande trazê-las — replicou Policarpo — pois para nós o arrependimento é uma atitude ruim quando significa mudar do melhor para o pior, mas é uma atitude boa quando significa uma mudança do mal para o bem.

— Se não se arrepender, domarei você com fogo — disse o procônsul — uma vez que despreza as feras selvagens.

Então disse Policarpo: — O senhor me ameaça com um fogo que queima durante uma hora e logo se apaga. Mas o fogo do julgamento futuro e do castigo eterno reservado para os ímpios, esse o senhor ignora. Mas por que está se delongando? Faça tudo o que lhe agradar.

O procônsul mandou o arauto proclamar três vezes no meio do estádio: “Policarpo confessou que é cristão.” Mal essas palavras foram proferidas, toda a multidão, tanto gentios quanto judeus que moravam em Esmirna, com fúria violenta se pôs a gritar: — Este é o doutor da Ásia, o pai dos cristãos e o destruidor dos nossos deuses, que ensinou muitos a não oferecer sacrifícios e a não adorar. — A esta altura pediam ao asiarca Filipe para que soltasse um leão contra Policarpo. Mas ele recusou-se, alegando que havia encerrado o seu espetáculo. Então puseram-se a gritar em uníssono que ele deveria ser queimado vivo. Pois sua visão precisava se cumprir — a visão que ele tivera quando estava orando e viu o seu travesseiro incendiar-se. O povo imediatamente apanhou lenha e outros materiais secos nas oficinas e nos banhos. Nesse serviço os judeus (com sua costumeira maldade) sentiram-se particularmente dispostos a ajudar.

Quando quiseram amarrá-lo na fogueira, disse Policarpo: — Deixem-me como estou. Não é preciso prender-me com pregos, pois aquele que me dá forças para suportar o fogo também me fará permanecer na fogueira sem eu querer fugir. — Assim ele foi amarrado mas não pregado. Disse ele então: — Ó Pai, eu te bendigo por me teres considerado digno de receber o meu prêmio entre os mártires.

Assim que ele proferiu a palavra “Amém”, os oficiais acenderam o fogo. A chama, formando uma espécie de arco semelhante à vela enfunada de um barco, envolveu feito um muro o corpo do mártir que estava no meio do fogo não como carne queimando mas sim como ouro e prata sendo purificados na fornalha. Recebemos em nossas narinas um aroma semelhante ao que se evola do incenso ou de alguns outros perfumes preciosos. Finalmente, o povo maldoso, ao perceber que o seu corpo não poderia ser consumido pelo fogo, mandou que o carrasco se aproximasse e nele enterrasse a espada. Imediatamente, uma quantidade tão grande de sangue jorrou que o fogo

se extinguiu. Mas o invejoso, maligno e despeitado inimigo do justo procurou um jeito de nos impedir de recolher o pobre corpo. De fato, algumas pessoas sugeriram a Nicetes para procurar o procônsul e pedir-lhe que não entregasse o corpo aos cristãos: — Para evitar — disseram eles — que, abandonando o crucificado, eles passem a adorar a *ele*. — Isso disseram depois de ouvir as sugestões e argumentos dos judeus, que também nos vigiaram quando queríamos retirar o corpo da fogueira. O centurião, percebendo a malevolência dos judeus, fez colocar o corpo no meio do fogo e queimá-lo. Recolhemos em seguida os seus ossos — mais preciosos que ouro e jóias — e os depositamos num lugar adequado.

Durante a mesma perseguição padeceram os gloriosos e mui constantes mártires de Lyon e Vienne, duas cidades da França, dando um retumbante testemunho e, para todos os cristãos, um espetáculo ou exemplo singular de fortaleza em Cristo nosso Salvador. A história deles é assim contada pelas suas próprias igrejas onde padeceram:

Empregou-se toda a fúria da multidão, do governador e dos soldados contra o diácono Santo de Vienne e Maturo, na verdade um recém-convertido mas também um magnânimo lutador em questões espirituais; contra Átalo de Pérgamo, um homem que sempre fora um pilar e suporte da nossa igreja; e finalmente contra Blandina, na qual Cristo mostrou que aquilo que parece feio e desprezível entre os homens é muito honroso aos olhos de Deus, graças ao amor ao Seu nome demonstrado com verdadeira energia e não com simulações afetadas e alardeadas. Pois, embora no nosso grupo todos temessem e, entre os demais, a sua patroa neste mundo (ela própria um integrante do nobre exército de mártires) tivesse muito medo de que ela não fosse capaz de testemunhar uma boa confissão, dada a fraqueza do seu corpo, Blandina revestiu-se de tamanha força que os seus torturadores, revezando-se da manhã até a noite, sentiram-se realmente extenuados e confessaram-se vencidos e exauridos com todo o seu aparato de torturas. Estavam abismados ao vê-la ainda respirando quando o seu corpo jazia dilacerado e aberto. A abençoada mulher recuperou novo vigor no ato da confissão e provou uma evidente

anulação de todas as dores ao dizer: — Sou cristã, e entre nós não se comete nenhum mal.

Santo suportou de modo sobre-humano as mais bárbaras humilhações. Os ímpios esperavam extorquir dele algo injurioso contra o evangelho mediante o prolongamento e a intensidade dos seus sofrimentos. Mas ele resistiu com tal firmeza que não lhes revelou o seu nome nem o da sua nação ou estado e não permitiu que soubessem se era um homem livre ou um escravo. A cada pergunta respondia: — Eu sou cristão. — Isso, confessou repetidas vezes, era para ele seu nome, país, família, tudo.

Os fiéis avançavam com passo firme enquanto iam sendo conduzidos ao suplício. Seus semblantes brilhavam com muita graça e glória. Os grilhões eram seus mais belos ornamentos. Eles mesmos pareciam noivas enfeitadas em suas belas vestes, respirando a fragrância de Cristo. Eram submetidos à morte de várias maneiras: ou, em outras palavras, teciam uma grinalda de flores e perfumes diversos e a apresentavam ao Pai.

Maturo, Santo, Blandina e Átalo foram atirados como alimento às feras selvagens no anfiteatro, servindo de espetáculo grosseiro para os desumanos gentios. Foram expostos a todas as barbaridades que a multidão ensandecida exigia aos gritos, sobretudo à cadeira de ferro incandescente sobre a qual os seus corpos foram assados, emitindo um cheiro repugnante. Após permanecerem vivos por um longo tempo nessa condição, acabaram aos poucos expirando.

Blandina, pendurada num poste, foi exposta como alimento aos animais selvagens. Pôde ser vista suspensa na forma de uma cruz, entretida numa súplica ardente. A visão inspirou seus colegas de combate com muito entusiasmo. Com os próprios olhos corporais contemplavam na pessoa de sua irmã a figura daquele que por eles foi crucificado. Nenhuma das feras naquela ocasião a tocou. Ela foi retirada do poste e jogada novamente na masmorra. Por mais fraca e desprezível que pudesse parecer, todavia, quando vestida de Cristo, o poderoso e invencível campeão, ela venceu o inimigo numa série de batalhas e foi coroada com a imortalidade.

Átalo também foi exigido com veemência pela multidão, por ser entre nós uma pessoa de muita fama. Avançou com toda a boa disposição e serenidade de uma boa consciência. Cristão experiente, estava sempre pronto e atuante para dar testemunho da verdade. Foi conduzido ao redor do anfiteatro, enquanto uma tabuleta era carregada diante dele com a inscrição: “Este é Átalo, o cristão”. A fúria do povo o teria despachado de imediato. Mas o governador, entendendo que se tratava de um romano, que poderia invocar o privilégio da sua cidadania, escreveu ao imperador e aguardou instruções. César expediu ordens para que os confessores de Cristo fossem levados à morte: os cidadãos romanos tinham o privilégio de morrer por degolação; os demais seriam expostos às feras selvagens.

Nessa ocasião o nosso Redentor foi enaltecido na pessoa daqueles que haviam apostatado. Eles foram interrogados à parte, como pessoas que logo seriam dispensadas. Mas, para surpresa dos gentios, confessaram a Cristo e foram se somar à lista dos mártires.

A abençoada Blandina foi executada depois de todos os outros. Qual mãe generosa que havia exortado os seus filhos, a quem na frente enviara vitoriosos ao Rei, recapitulando toda a série de torturas, apressou-se a prová-las ela mesma, jubilosa e triunfante em seu êxito, como se fosse alguém convidado a um banquete nupcial e não alguém a ser exposto às feras. Depois de ter suportado os açoites, a dilaceração das feras e a cadeira de ferro, ela foi presa numa rede e atirada a um touro. Depois de ser jogada para o alto por algum tempo pelo animal, mostrando-se muito superior aos seus sofrimentos pela influência da esperança, pela visão consciente dos objetos de sua fé e pela sua associação com Cristo, ela finalmente entregou o seu espírito.

Vejamos agora a história daquele extremamente constante e corajoso mártir de Cristo, São Lourenço, cujas palavras e obras merecem permanecer frescas e verdes nos corações cristãos como as folhas de um verdejante loureiro. Esta corsa sedenta, ansiando pela água da vida, desejoso de conquistá-la passando pela porta estreita da dura morte, quando em certa ocasião viu o seu vigilante pastor Sixto, bispo de Roma, sendo conduzido por perigosos tiranos como um cordei-

ro indefeso para a sua morte, gritou expondo sua voz e um coração invencível, dizendo: — Ó querido pai, para onde estás indo sem a companhia do teu filho? Que crime cometi que ofendeu a tua paternidade? Acaso mostrei-me desnaturado? Verifica agora, doce pai, se tu escolheste um ministro fiel ou não. Negas-lhe a consangüinidade? — Essas palavras proferiu Lourenço entre lágrimas, não para que o seu mestre sofresse, mas porque talvez não lhe fosse dado provar do cálice da morte que ele ardentemente queria beber.

Sixto então formulou a seguinte resposta para o seu filho: — Não estou te abandonando, meu filho. Eu te garanto que uma batalha mais dura te resta. Sou um velho frágil e debilitado. Por isso, corro uma prova mais leve e fácil. Mas tu és vigoroso e jovem e com mais vigor, sim, com mais glória, triunfarás sobre este tirano. O tempo se aproxima. Pára de lamentar. Daqui a três dias me seguirás. Por que desejas participar comigo da minha paixão? Eu deixo para ti toda a minha herança.

Aproximemo-nos da fogueira do mártir Lourenço para que os nossos corações nela se aqueçam. O impiedoso tirano, entendendo que ele não era apenas um ministro dos sacramentos mas também um distribuidor das riquezas da igreja, prometeu a si mesmo uma dupla recompensa com a apreensão de uma única alma. Primeiro, com o ancinho da avareza juntaria para si próprio o tesouro dos cristãos pobres; depois, com o cruel garfo da tirania de tal forma os arremesaria para o alto e os confundiria até deixá-los cansados da sua profissão. Com rosto enfurecido e semblante cruel, o lobo voraz indagou onde Lourenço havia guardado as posses da igreja. Este, pedindo um prazo de três dias, prometeu declarar onde seria possível encontrar o tesouro. Nesse ínterim, fez reunir um bom número de cristãos pobres. Assim, quando chegou o dia da sua resposta, o perseguidor terminantemente exigiu que cumprisse o prometido. Então o corajoso Lourenço, estendendo os braços sobre os pobres, disse: — Estes são o precioso tesouro da igreja. Estes são de fato o tesouro nos quais a fé em Cristo reina, nos quais Jesus Cristo tem a sua mansão. Que jóias mais preciosas pode ter Cristo do que aqueles em quem Ele prometeu

habitar? Pois assim está escrito: “Tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes.” E novamente está escrito: “Vede, o que vós fizestes ao menor destes pequeninos, foi a mim que o fizestes.” Que riqueza maior pode ter Cristo, o nosso Mestre, do que as pessoas pobres, nas quais Ele gosta de ser visto?

Ah, língua nenhuma saberia expressar a fúria e loucura do coração do tirano! Ele bufou e estrilou, mugiu e tugiou, como alguém que perdeu o juízo: os olhos se lhe incandesceram como fogo; a boca espumava como a de um javali; mostrava os dentes feito um cachorro. Podia-se dizer que já não era um homem racional, mas sim um leão a rugir.

— Acendam a fogueira! — gritou ele. — Não economizem lenha. Este vilão ludibriou o imperador? Fora com ele, fora com ele! Castiguem-no com açoites, façam-no pular com pauladas. O traidor quis brincar com o imperador? Belisquem-no com tenazes incandescentes, apertem-no entre lâminas em brasa, tragam as correntes mais fortes com espetos candentes e a cama com grade de ferro: ponham-na sobre o fogo. Amarrem o rebelde, mãos e pés. Quando a cama estiver em brasa, joguem-no em cima dela: que seja assado, grelhado, virado e atirado para o alto. Que cada um de vós, ó carrascos, cumpra o seu papel, sob pena da nossa grande irritação.

Mal a ordem fora dada e já era plenamente cumprida. Depois de muitos tratamentos cruéis, o manso cordeiro foi deitado, não digo sobre a sua cama de ferro incandescente, mas sim sobre um macio leito de plumas. Tão poderosamente operou Deus no seu mártir, tão milagrosamente temperou o Seu elemento, o fogo, que Lourenço não se deitou sobre uma cama de dor que mata, mas sobre um colchão que reconforta.

Albano foi o primeiro mártir da Inglaterra a padecer a morte pelo nome de Cristo. Foi no tempo de Diocleciano e Maximiano. Os imperadores haviam expedido suas cartas decretando que os cristãos fossem perseguidos com todo rigor. Albano, que na época era um infiel, recebeu em sua casa um certo clérigo que estava fugindo das mãos

dos perseguidores. Depois de vê-lo sem cessar, dia e noite, perseverante em sua vigília e oração, de repente, pela grande misericórdia de Deus, Albano passou a imitar-lhe o exemplo de fé e de vida virtuosa. Depois disso, pouco a pouco, sendo ele instruído pela salutar exortação do clérigo e abandonando a cegueira da idolatria, acabou por tornar-se um perfeito cristão.

E depois que o clérigo ficou na sua casa por um certo tempo, informaram ao malvado príncipe que esse bom homem e confessor de Cristo (que ainda não fora condenado à morte) estava hospedado na casa de Albano ou muito próximo dela. Ao saber disso, o príncipe imediatamente incumbiu os soldados de fazerem a investigação mais cuidadosa possível da questão. Assim que eles chegaram à casa, Albano, vestindo-se com a indumentária do seu hóspede e mestre, entregou-se no lugar dele aos soldados, que o amarraram e o trouxeram imediatamente ao juiz.

Aconteceu que, na hora em que trouxeram Albano, o juiz foi encontrado junto aos altares oferecendo sacrifícios aos demônios. Assim que o viu, ele de imediato foi tomado de muita raiva, por ter Albano ousado, de livre e espontânea vontade, pôr a vida em risco entregando-se aos soldados como prisioneiro para proteger o hóspede a quem dera abrigo. Por isso, mandou que o trouxessem e o pusessem diante das imagens dos demônios a quem estava adorando, dizendo: — Pelo fato de teres preferido esconder e ocultar um rebelde a entregá-lo nas mãos dos oficiais a fim de que ele (na qualidade de desrespeitador dos nossos deuses) fosse castigado pela sua blasfêmia, hás de receber o mesmo castigo que ele receberia, se eu perceber em ti o mínimo sinal de revolta contra a nossa forma de adoração. — Mas o abençoado Albano, que por iniciativa própria havia revelado aos perseguidores que era cristão, não se intimidou ante as ameaças do príncipe. Armado com a couraça espiritual, abertamente declarou que não obedeceria às ordens recebidas.

Disse então o juiz: — De que família ou parentesco és tu? — Respondeu Albano: — Que importância tem para o senhor saber de

que família sou? Se quiser ouvir a verdade sobre a minha religião, quero informá-lo de que sou cristão e a essa vocação me dedico plenamente. — Disse então o juiz: — Gostaria de saber o teu nome e trata de dizê-lo sem mais delongas. — Respondeu Albano: — Meus pais me deram o nome de Albano, e eu adoro o Deus vivo e verdadeiro, Criador de todo este mundo. — Disse então o juiz, cheio de raiva: — Se quiseres desfrutar a felicidade de uma vida longa, oferece sacrifícios aos deuses, já neste momento. — Replicou Albano: — Estes sacrifícios que o senhor oferece aos demônios não lhes servem de nada e não realizam os desejos e orações dos que apresentam as súplicas. — O juiz, ao ouvir essas palavras, ficou zangado ao extremo e ordenou que os algozes açoitassem o santo confessor de Deus, tentando derrotar com chibatadas a constância do seu coração, contra a qual ele nada conseguira com palavras. Albano foi cruelmente castigado, mas tudo suportou com paciência, ou melhor, até com alegria, pelo amor do Senhor. Depois, quando o juiz se deu conta de que com torturas ele não seria dobrado nem demovido da religião cristã, ordenou que fosse decapitado.

Deixemos agora a Inglaterra para voltar a outros países onde a perseguição grassava com maior veemência.

O impiedoso Galério com o seu grande prefeito Asclepiades invadiu a cidade de Antioquia no intuito de, pela força das armas, fazer todos os cristãos renunciar radicalmente à sua pura religião. Naquele dia os cristãos encontravam-se reunidos, e um certo Romano foi correndo anunciar-lhes que os lobos estavam por perto querendo devorar o rebanho cristão. — Mas não tenham medo — disse ele — nem deixem que esse iminente perigo os perturbe, meus irmãos. — Aconteceu então que, pela grande graça de Deus atuando em Romano, velhos e matronas, pais e mães, mancebos e donzelas, mostraram todos a mesma vontade e decisão, estando mais do que dispostos a derramar o próprio sangue em defesa da fé que professavam.

Chegou ao prefeito a notícia de que um pelotão de soldados armados não conseguiu arrancar o báculo da fé das mãos da congrega-

ção de cristãos, e tudo porque Romano os instigou com tal veemência que eles não hesitaram em oferecer a própria garganta, desejando morrer gloriosamente pelo nome de Cristo. — Encontrem o rebelde — disse o prefeito — tragam-no à minha presença para que ele responda por toda a seita. — Ele foi apreendido e, amarrado como uma ovelha conduzida ao matadouro, foi apresentado ao imperador, que, fixando-o com semblante irado, disse: — Como! És tu o autor da revolta? És tu a causa de tantos perderem a própria vida? Juro pelos deuses que tu hás de pagar caro por isso. Primeiro, na tua carne sofrerás as dores para as quais animaste o coração dos teus colegas.

Respondeu Romano: — A tua sentença, ó prefeito, eu a recebo com alegria. Não me recuso a ser sacrificado pelos meus irmãos, por mais cruéis que sejam os meios que tu possas inventar. No que se refere ao fato de que os teus soldados foram repelidos pela congregação cristã, isso apenas aconteceu porque era inadmissível que idólatras e adoradores de demônios entrassem na casa de Deus e poluissem o lugar da verdadeira oração.

Então Asclepiades, absolutamente furioso com essa intrépida resposta, ordenou que Albano fosse amarrado com os braços presos ao corpo e depois eviscerado. Os próprios carrascos, que tinham um coração mais piedoso que o do prefeito, intercederam: — Não pode ser, senhor. Este homem é de uma família nobre. É ilegal submeter um nobre a morte tão ignóbil. — Respondeu o prefeito: — Que seja então flagelado com açoites com pontas de chumbo. — Em vez de lágrimas, suspiros e gemidos, ouviu-se a voz de Albano cantando salmos durante todo o tempo da flagelação, pedindo aos algozes que não o poupassem pela sua nobreza. — Não é o sangue dos meus progenitores — dizia ele — mas sim a profissão de fé cristã que me faz nobre. — As salutares palavras do mártir eram como óleo para o fogo da fúria do prefeito. Quanto mais o mártir falava, mais enlouquecido ele ficava, a ponto de ordenar que as ilhargas do mártir fossem perfuradas a faca até aparecer o branco dos ossos.

Quando Romano pela segunda vez pregou o Deus vivente, o Senhor Jesus Cristo, Seu Filho bem-amado, e a vida eterna por meio da

fé no Seu sangue, Asclepiades ordenou aos carrascos que lhe esmurrassem a boca até que seus dentes fossem arrancados e sua pronúncia acabasse também afetada. A ordem foi cumprida: ele foi esmurrado, suas sobrancelhas foram rasgadas a unha e suas faces perfuradas a faca; a pele da barba foi pouco a pouco arrancada; finalmente, seu belo rosto estava todo deformado. Disse o dócil mártir: — Eu lhe agradeço, ó prefeito, por ter aberto em mim muitas bocas, com as quais posso pregar a Cristo, meu Senhor e Salvador. Veja, cada ferida que eu tenho é uma boca louvando e cantando a Deus.

O prefeito, assombrado com essa singular constância, ordenou que suspendessem as torturas. Ameaçou o nobre mártir com o fogo cruel, insultou-o e blasfemou a Deus dizendo: — O teu Cristo crucificado não é mais que um Deus de ontem. Os deuses dos gentios são de extrema antigüidade.

Nesse ponto Romano, aproveitando a ocasião, fez um longo discurso sobre a eternidade de Cristo, sua natureza humana, e sobre a sua morte e expiação pela humanidade. Em seguida, disse ele: — Dê-me, ó prefeito, uma criança de apenas sete anos, idade isenta de malícia de outros vícios com os quais a idade mais madura geralmente está infectada, e o senhor ouvirá o que ela tem a dizer. — Seu pedido foi aceito.

Dentre a multidão chamou-se um menininho que foi colocado diante do mártir. — Dize-me, filhinho — disse ele — se tu achas que há razão para que adoremos a um só Cristo, e em Cristo a um só Pai, ou então para que adoremos a muitos deuses.

Ao que o menininho respondeu: — Certamente Aquele que os homens afirmam ser Deus (seja o que for), deve ser um só; e o que lhe é próprio é único. Porque Cristo é único, Cristo é necessariamente o verdadeiro Deus, pois nós crianças não podemos acreditar que existam muitos deuses.

A essa altura o prefeito, tomado de puro espanto, disse: — Tu, jovem vilão e traidor, onde e de quem aprendeste essa lição?

— De minha mãe — disse a criança. — Com seu leite suguei a lição de que devo crer em Cristo. Chamou-se a mãe, e ela de bom

grado se apresentou. O prefeito ordenou que a criança fosse pendurada e açoitada. Os condoídos espectadores desse ato impiedoso não conseguiam controlar as lágrimas. Apenas a mãe, exultante e feliz, a tudo assistia com as faces secas. Na verdade, ela repreendeu o seu doce filhinho por implorar um gole de água fria. Disse-lhe para ter sede da taça da qual outrora beberam os infantes de Belém, deixando de lado o leite e as papinhas de suas mães. Ela o encorajou a lembrar-se do pequeno Isaque que, vendo a espada com a qual seria abatido e o altar sobre o qual seria queimado em sacrifício, de boa mente apresentou o tenro pescoço ao golpe da espada do seu pai. Enquanto era dado esse conselho, o sanguinário algoz arrancou o couro do alto da cabeça do menino, com cabelo e tudo. Gritou então a mãe: — Agüenta, filhinho! Logo tu verás Aquele que te enfeitará a cabeça nua com uma coroa de glória eterna. — A mãe consola, a criança sente-se consolada; a mãe anima, o menininho sente-se animado e recebe os açoites com um sorriso no rosto.

O prefeito, percebendo que a criança era invencível e sentindo-se derrotado, mandou o abençoado menininho para a fétida masmorra e deu ordens para que as torturas de Romano, principal autor destas maldades, fossem repetidas e intensificadas.

Assim, Romano foi trazido outra vez para novos açoites, devendo os castigos ser renovados e aplicados sobre as suas velhas feridas. O tirano já não agüentava mais; era necessário apressar a sentença de morte. — É penoso para ti — disse ele — continuar vivo por tanto tempo? Não tenhas dúvida de que uma flamejante fogueira será em breve preparada. Nela tu e aquele menino, teu companheiro de rebelião, sereis consumidos e transformados em cinza. — Romano e o menininho foram conduzidos para a execução. Ao chegarem ao local escolhido, os carrascos arrancaram o filho da sua mãe, que o tomara nos braços. A mãe, limitando-se a beijá-lo entregou a criancinha. — Adeus! — disse ela — Adeus, meu doce filhinho. Quando tiveres entrado no reino de Cristo, lá no teu abençoado estado lembra-te da tua mãe. — E enquanto o carrasco aplicava a espada ao pescoço da criancinha, ela cantou assim:

Todo louvor do coração e da voz
Nós te rendemos Senhor.
Neste dia em que a morte deste santo
Recebes com muito amor.

Tendo sido cortada a cabeça do inocente, a mãe a envolveu em seu vestido e a segurou no colo. Do lado oposto, uma grande fogueira foi acesa na qual Romano foi atirado. No mesmo instante desabou uma grande tempestade. Finalmente o prefeito, sentindo-se confuso diante da força e coragem do mártir, deu ordens rigorosas para que ele fosse reconduzido à prisão, onde deveria ser estrangulado.